

## **RUPI KAUR E RYANE LEÃO EM DIÁLOGO: A ESCRITA FRENTE À LUTA E À CURA**

Fernanda Barroso e Silva<sup>1</sup>  
Nícea Helena de Almeida Nogueira<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

Rupi Kaur e Ryane Leão dedicam suas obras, respectivamente, *Outros jeitos de usar a boca* (2017) e *Tudo nela brilha e queima* (2017), a questões imprescindíveis aos estudos feministas, com destaque para a luta e o processo de cura das mulheres. Tendo isso em mente, o diálogo entre ambas, considerando Zolin (2005, 2019), Carson (2020) e Kruger (2017), torna-se um caminho interessante para compreender os novos contornos almejados para a construção do feminino.

Palavras-chave: Autoria feminina; Poesia; Rupi Kaur; Ryane Leão.

### **ABSTRACT:**

Rupi Kaur and Ryane Leão dedicate their works, respectively, *Milk and honey* (2017) and *Tudo nela brilha e queima* (2017), to essential issues for feminist studies, with emphasis on the fight and healing process of women. Bearing this in mind, the dialogue between both, taking into consideration Zolin (2005, 2019), Carson (2020) and Kruger (2017), becomes an interesting way to understand the new contours desired for the construction of the feminine.

Key-words: Female Authorship; Poetry; Rupi Kaur; Ryane Leão.

### **Introdução**

Considerando o universo da Literatura de Autoria Feminina e a inserção das mulheres em sociedades patriarcais que designam lugares de pouca ou nenhuma expressão para esse grupo, ganha destaque a produção de autoras como Rupi Kaur e Ryane Leão, nomes que se

---

<sup>1</sup> Doutoranda do PPG Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); bolsista CAPES. E-mail: fernandabarroso2@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Associada da Faculdade de Letras, da UFJF. Doutora e Mestre em Letras: Teoria da Literatura, pela UNESP: São José do Rio Preto, SP. E-mail: nicea.nogueira@ufjf.br

dedicam a falar sobre as rupturas e as possibilidades de cura e libertação associadas a esse grupo. Kaur, nascida em Punjab, na Índia, e radicada no Canadá desde a infância, mescla poesias com prosas poéticas de resistência, identidade, trauma e violência. Seus versos contribuem para o estabelecimento de uma construção historiográfica do que é ser mulher em um corpo social que, na maioria das vezes, não a valoriza e nem a reconhece. Em paralelo, Leão, escritora brasileira nascida em Cuiabá, Mato Grosso, escolhe retratar imagens de força e de protagonismo femininos, promovendo e fortalecendo não só a resistência, como também o novo papel social que as mulheres vêm conquistando: o de autoras de suas próprias histórias e vidas.

Diante de um cenário de silenciamento historicamente imposto, a escrita de autoria feminina se coloca como um modo de resistir e, assim, lutar. Nessa perspectiva, este estudo se volta para uma obra de cada autora mencionada: *Outros jeitos de usar a boca* (2017a), de Kaur, e *Tudo nela brilha e queima* (2017a), de Leão. Nelas, o ambiente linguístico divide espaço com ilustrações, colaborando para a construção de uma linguagem poética que é extremamente visual e simbólica. Ambas também compartilham um notório efeito de denúncia em suas produções, sendo possível encontrar um cenário de reivindicação que se faz, na maioria das vezes, em versos duros que tratam de temáticas difíceis – a exemplo de perdas, traumas e violências. Apesar dessa complexidade nos assuntos abordados, há um desejo e uma busca por poemas que sejam simples e de fácil entendimento. Sobre isso, Kaur, em uma entrevista concedida ao jornal britânico *The Guardian*, em 2017, afirmou: “Não quero que alguém leia minha poesia e pense: o que isso significa? Então, toda vez que estou escrevendo, fico pensando: OK, que palavra posso usar? Como posso tornar isso mais direto? O que é muito técnico?”<sup>3</sup> (KAUR, 2017c, recurso online, tradução nossa). As palavras, assim, são cuidadosamente pensadas para não escaparem da simplicidade e, ainda assim, continuam sendo marcadas pela força de reflexões acerca da posição das mulheres na sociedade.

Desse modo, estabelecer conexões entre Kaur, Leão e questões feministas mostra-se um caminho enriquecedor para entender as realidades que cercam essas artistas e as tensões que elas constroem em uma temporalidade predominantemente patriarcal. As duas, apesar de autoras de diferentes nacionalidades e com distintas perspectivas culturais, muito apresentam como pontos convergentes. Mulheres nascidas no século XX em uma sociedade baseada em preceitos e ações misóginas e sexistas, são figuras ativas politicamente em suas redes – meios utilizados não apenas para a divulgação de suas obras, como também para o compartilhamento de poemas inéditos e de posicionamentos diante de questões sociais e políticas em discussão. Sempre contestando valores patriarcais e segregadores, seja no Brasil, no caso de Leão, ou no Canadá e na Índia, no caso de Kaur, ambas estão inseridas em um cenário de intensa reivindicação e de luta, encontrando receptividade em seus leitores-seguidores, que, além de compartilharem as postagens, estão sempre interagindo e fazendo tal discurso ser amplificado e ecoado.

---

<sup>3</sup> Original: “I don’t want someone to read my poetry and think: what does that mean? So every time I’m writing, I’m thinking: OK, what word can I take out? How do I make this more direct? What’s too technical?”.

Esse engajamento, coerente com as mídias sociais, está relacionado ao contexto de produção vivenciado pelas poetisas, que será, portanto, melhor explorado. São escritoras que amplificam as possibilidades de falar diretamente para os marginalizados e de o silenciado encontrar voz, com esse ativismo político que ganha mais força e notoriedade ao encontrar um profundo buscar por si e pelo lugar do outro – nesse caso, de um coletivo de mulheres –, configurando um processo de resistir, lutar e se afirmar. Em paralelo, esse eixo aparece quando as poetisas colocam suas escritas em ação, com o objetivo de mostrar a esse grupo como é relevante que conte a sua própria história. Como apontado por Leão em uma entrevista, as mulheres foram ensinadas a não falar e, para além disso, “(...) desencorajadas a seguir e constantemente lembradas de que nossa história não importa” (LEÃO, 2018b, recurso online). Em uma constante desconstrução desse e de tantos outros paradigmas patriarcais, as autoras traçam seus percursos como indivíduos e porta-voz de uma comunidade em intensa resistência e em profunda (re)construção com poesias que almejam os processos de cura, auto-amor e empoderamento.

## **2. O contexto de produção das poetisas: resistir como sinônimo de lutar**

Levando em consideração as amplas possibilidades de diálogo entre as poetisas, torna-se fundamental ter em mente que somos arraigados do ponto de vista cultural. Ao refletir sobre esse assunto, é importante entender que aquilo que compreendemos hoje como cultura, algo mutável e amplo, nem sempre correspondeu à realidade defendida entre os intelectuais e colocada como referência. Apenas a partir do desenvolvimento dos Estudos Culturais na Inglaterra do século XX que a perspectiva existente sobre cultura foi ampliada, tendo sido por muito tempo considerada como algo fixo, fechado, invariável e uniforme. Sendo assim, era constituída por fronteiras e reproduzida em um universo em que uma “grande” cultura era colocada em oposição a outras “menores”. Esse ramo das Humanidades foi responsável, então, por reconfigurar não só o que era considerado como cultura, como também a forma como lidavam com as diversas práticas culturais e os modos de vida. Foi também o desenvolvimento desse campo que permitiu adicionar o popular ao pensamento hegemônico das elites intelectuais e financeiras, possibilitando que os marginalizados fossem considerados como produtores de cultura e abrindo espaço para formas de viver e de pensar o mundo anteriormente colocadas fora dos muros. Logo, os Estudos Culturais foram responsáveis por expandir o conceito de cultura, a qual passa a corresponder a todo um modo de vida de um povo, compreendendo experiências particulares compartilhadas, ou seja, significados comuns e individuais disponibilizados na sociedade (WILLIAMS, 2015).

Com o estabelecimento de parâmetros mais amplos, o debate acerca de questões étnico-raciais e questões de gênero ganhou espaço, tornando possível, também, um aprofundamento como este em Kaur e Leão, que escrevem de um lugar à margem das sociedades em que vivem.

Assim, quando tal contato se manifesta, segundo Gayatri Spivak (2012), é necessário ter cuidado para que o nosso olhar para aquele que é culturalmente diferente de nós, ao promover uma indagação cultural, não ratifique uma visão monolíngue e monocultural ou um painel simplificador desse sujeito. Desse modo, é preciso estar ciente do contexto de diferença cultural que, inevitavelmente, irá se colocar diante desse olhar direcionado às poetisas e, com base nisso, promover um coexistir no lugar da diferença. Só assim o nosso olhar para outros atores sociais será fidedigno e transformador.

Nesse sentido, observar a escrita de ambas as poetisas requer a consciência de que lidamos com objetos culturalmente diferentes, sendo imprescindível destacar alguns pontos antes de prosseguir com a análise até mesmo para trazer à tona algumas lutas de cada uma. Ao se pensar sobre a origem de Kaur, destaca-se sua forte ligação com a cultura indiana e a realidade de Punjab, seu estado natal que é centro da comunidade Sikh da Índia. No que diz respeito ao Sikhismo, fundado no final do século XV, “muitos estudiosos ocidentais argumentam que, em seu estágio inicial, o Sikhismo foi um movimento dentro da tradição hindu”<sup>4</sup> (MCLEOD, 1998, recurso online, tradução nossa), o que evidencia que essa seria uma religião com caminhos sincréticos em sua estrutura. Ainda, a realidade de conflitos com o governo de Punjab foi responsável por muitos casos de emigração por parte dos Sikh, cabendo destacar a *Diáspora dos Sikh*, como costuma ser chamado esse movimento. Com isso, muitos indivíduos pertencentes a essa religião que viviam no estado indiano vivenciaram um movimento diaspórico para localidades como Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido e América do Norte. Essa última, a considerar que “existem comunidades de 180.000 a 200.000 membros cada nos Estados Unidos e no Canadá”<sup>5</sup> (MCLEOD, 1998, recurso online, tradução nossa), representa o movimento realizado por Kaur, que se mudou na infância para o Canadá, como mencionado.

Também sobre esse tópico, é importante mencionar que tal ataque genocida aos Sikh é a inspiração do título da primeira obra de Kaur, selecionada, aqui, para estudo: em 2013, a artista escreveu um poema de palavra falada sobre esse evento e, segundo ela, os Sikh, principalmente as mulheres, saíram do massacre “suaves como leite, mas fortes como o mel” (KAUR *apud* D’ANGELO, 2017, recurso online). Desde então, a artista plástica soube que essa metáfora ficaria presente em sua vida para sempre e, quando a ideia de desenvolver um livro de poemas surgiu, não teve dúvidas sobre qual seria o título – surgiu, então, *Milk and honey* (leite e mel, na tradução literal). Mesmo com o passar dos anos, a realidade desse povo não mudou, pois vivem a luta contra opressão ainda hoje:

Para os Sikhs, a dissidência contra a opressão não é nenhuma novidade. Resistimos aos Mughals por 300 anos. Nós geramos uma resistência global contra o domínio colonial britânico, incluindo uma que se estendeu dos

---

<sup>4</sup> Original: “many Western scholars argue that in its earliest stage Sikhism was a movement within the Hindu tradition”.

<sup>5</sup> Original: “there are communities of 180,000 to 200,000 members each in the United States and Canada”.

campos do norte da Califórnia às aldeias de Punjab, chamada de Movimento Ghadar. A geração de meus pais sobreviveu ao genocídio Sikh de 1984 e à década de violência patrocinada pelo estado e pelos assassinatos extrajudiciais que se seguiram.<sup>6</sup> (KAUR, 2020, recurso online, tradução nossa).

É extensa a lista de tiranos que assumiram o poder em Punjab, localidade também marcada por uma profunda desigualdade. Lá, mais da metade da força de trabalho está na agricultura, sendo que 85% dos agricultores possuem menos de cinco acres<sup>7</sup> (KAUR, 2020). Diante desse cenário da região em que nasceu, a poeta ainda se engaja na luta e nos movimentos que se originam em Punjab, sempre denominando seus conterrâneos como “meu povo”. Apesar de imigrante, o sentimento de pertencimento, às vezes conturbado quando em uma experiência diaspórica, no caso de Kaur, é estabelecido em relação à sua origem. Desse modo, está sempre falando sobre a força tirana tão característica de Punjab, produzindo postagens em sua conta no Instagram que realçam a força dos Sikh e denunciam o autoritarismo que violentamente os oprime. Nesse ponto, Sartre (1993), ao abordar as relações existentes entre Literatura e meio social, fala sobre o engajamento na Literatura, ponto que se faz relevante nesta discussão. Essa Literatura é colocada como aquela disposta a falar sobre distintos temas sociais sem se prender a nenhuma ilusão, sendo que “O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana.” (SARTRE, 1993, p. 20-21). O olhar engajado, assim como exemplificado em Kaur, é também visto em Leão, como será abordado ao longo deste estudo.

Leão, em diálogo com o trabalho e o posicionamento de Kaur, promove oficinas de escrita criativa e também é professora de inglês, buscando sempre abordar, em seus versos e em suas falas, a intensa relação que estabelece com mulheres de luta, sejam elas de sua família ou não. Outros pontos característicos da vida e do trabalho da poeta são a retomada de suas ancestrais e a conexão com a negritude, evidenciada, por exemplo, em sua escola *Odara – English School for Black Girls*, que ensina inglês afrocentrado para mulheres negras cobrando mensalidades populares. Quanto ao feminismo, tema recorrente em seus trabalhos, ela aponta que “a nomenclatura do movimento chega bem depois, até que a gente compreende o feminismo negro e tudo mais” (LEÃO, 2018b, recurso online), mas complementa que desde sempre sua abordagem se comprometeu com o falar para e sobre as mulheres. Esses diálogos se baseiam em palavras de resistência e força, mesmo que diante de temáticas envolvendo traumas e dores. A escrita, conseqüentemente, é utilizada como sinônimo de resistir, funcionando como ato político de protesto, sobrevivência e de luta. Essa necessidade de quebrar silêncios está presente

---

<sup>6</sup> Original: “For Sikhs, dissent against oppression is nothing new. We resisted the Mughals for 300 years. We birthed a global resistance against colonial British rule, including one that stretched from the fields of Northern California to the villages of Punjab, called the Ghadar Movement. My parents’ generation survived the 1984 Sikh genocide and the decade of state-sponsored violence and extrajudicial killings that followed”.

<sup>7</sup> Antiga unidade de medidas que corresponde a 0,02 km<sup>2</sup>.

em ambas, como apontado por Leão: “Cresci sabendo que devia gritar, ter meu espaço, batalhar por mim” (LEÃO, 2018b, recurso online). As experiências vividas pelas poetisas, majoritariamente experiências de perda, irão mudar suas perspectivas e resultar em mais (e maiores) possibilidades de resistir às hegemonias impostas. Ainda, a poeta brasileira aponta que enxerga seu primeiro livro como uma troca de cura e de fortalecimento (TUDO..., 2017), afirmando que a “poesia é uma ferramenta muito grande de reconstrução” (LEÃO, 2019, recurso online). Essa visão perpassa, entre outros aspectos, a ideia da cura e do fortalecimento que a autora almeja alcançar para si e para as demais mulheres por meio do seu trabalho. Nesse ponto, entra em questão o desejo de Leão de que as mulheres se identifiquem com sua escrita para que, assim, se sintam representadas e encorajadas a falar.

Participante ativa de saraus e slams, a professora foi campeã da segunda edição do evento “Slam das Minas – RJ” no ano de 2019 e comenta que esse é um lugar de fortalecimento e do coletivo, “(...) É um espaço para literatura marginal eclodir, para as quebradas falarem o que passam e para essas mulheres que são tantas e tão diversas se abrirem e serem elas mesmas” (TUDO..., 2017, recurso online). Com o seu trabalho sempre relacionado à resistência e à luta através da arte e da educação, participou, em 2020, de uma música da cantora Priscila Fenics intitulada “Brilha e queima” (BRILHA..., 2020, recurso online), em intertextualidade direta com sua obra. A faixa começa e termina com a participação da cuiabana, sendo a primeira focada no abraço das fragilidades da mulher (“Sigo firme, mas não tô intacta”) e na imensidão (constelações) que fazem parte de cada uma, finalizando com a afirmação “(...) Deus parece muito comigo e contigo,/ Deus parece com mulheres reunidas contando e juntando suas possibilidades/ Deus parece muito com mulheres que optam pela continuidade de seus nortes” (BRILHA..., 2020, recurso online). O final, em complementação, fala sobre as dúvidas que levantam sobre a caminhada dessas mulheres em contraponto à necessidade desse grupo de se amar, visto que “Abrigo certo é o nosso reflexo no espelho/ Morar em si mesma pra sempre ter pra onde voltar”; e assim, o resultado vivenciado é um: “(...) recupero o reinado/ em frente, enfim”. Palavras tão fortes marcam todas as construções e lutas que envolvem Leão.

Diante desses aspectos, conforme aponta Lúcia Zolin (2019), é significativo compreender que também a Literatura se faz um território contestado. Isso porque, ao se pensar a respeito do campo literário e da busca pelo direito de expressão, as mulheres, por tanto tempo confinadas e consideradas invisíveis, foram submetidas a um silenciamento histórico pelo sistema de pensamento patriarcal. Ao refletir sobre esse campo da Literatura de Autoria Feminina, Zolin comenta que tal produção estética e cultural é erigida a partir da visão sociocultural das próprias mulheres, apresentando, por conseguinte, uma tendência subversiva e uma importante revisão de valores. Essas questões se tornam essenciais para esta discussão já que as escritas de Kaur e Leão estão presentes nesse contexto de reivindicação e de luta. As duas buscam, por meio de suas palavras, conquistar o direito sobre seus próprios corpos e dar voz a outras tantas mulheres que ainda são silenciadas pela opressão, promovendo a

transformação das representações antes desenvolvidas por outros que não elas mesmas. Sobre esse tópico, ela também avalia que

a literatura de autoria feminina, à medida que vai se consolidando, vai conferindo **novos contornos à representação da mulher**, compondo outros rostos, nem sempre subjetificados, mas, em sua heterogeneidade, mais próximos da ideia de que o pensamento feminista vem construindo em torno da categoria ‘mulheres’. (ZOLIN, 2019, recurso online, grifos nossos).

Esses novos contornos dados à representação da mulher trazem uma visão autoral, com reflexões sobre o espaço e a posição secundária conferidos às mulheres. Com isso, torna-se essencial compreender que esse grupo representa visões de minorias, isto é, de um recorte marginalizado de gênero a quem sempre o silêncio foi ensinado e repassado. Ainda, quando essa mulher ousa falar, a reação do patriarcado é nada menos do que projetar essa voz como algo negativo, perturbador, desconfortável e abominável. Não sem propósitos, “colocar uma porta na boca das mulheres tem sido um importante projeto da cultura patriarcal desde a Antiguidade até os dias presentes. Sua estratégia principal é criar uma associação ideológica do som produzido pelas mulheres com o monstruoso, a desordem, a morte” (CARSON, 2020, p. 117). As vozes mortais e sedutoras das sereias, o discurso perigoso e sem nexos do feminismo. A estratégia se mantém e é ininterruptamente continuada.

Em oposição a esse fluxo caótico de sons, como também aponta Carson (2020), é colocada a contenção verbal dos homens, que são caracterizados pela benevolência do controle e pela civilidade da razão. Diferentemente da obscuridade da voz feminina – quando ficamos com perturbação, desordem e morte *versus* benfazer e civilidade –, a virtude masculina se torna sinônimo da ordem patriarcal. Diante desse cenário, a resistência promovida pelas mulheres é uma tentativa forte de “tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário quando comparado ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação” (ZOLIN, 2005, p. 182). Esse lugar conferido às mulheres não é, portanto, resignadamente ocupado, mas traz à tona a revolta para com essa realidade opressora. Isso não se faz diferente dentro do campo literário, pois a segregação e a exclusão são contestadas nas palavras de diversas autoras que anseiam construir uma nova representação e, assim, usam seus escritos para tal.

### **3. Senso de comunidade: a escrita como luta e possibilidade de cura**

Ao observar o universo da escrita das poetisas, um aspecto muito importante ganha notoriedade e destaque: a coletividade. A conexão entre mulheres é algo extremamente consolidado e fortificado em ambas as artistas, havendo o desejo, sempre demonstrado através de entrevistas, *posts* pessoais e poemas, de não apenas ter e conquistar a própria voz, como também de possibilitar voz às demais. O ideal é de amplificar esse canal, como apontado por

Leão (2018a, recurso online): “A poesia é a nossa chance de finalmente dar voz ou encontrar voz”, sendo primordial reconstruir ideias da sociedade para que todas tenham espaço. Nessa ótica, como apontado por Alyson Miller (2019), mesmo que existam respostas diferentes para uma mesma questão, as mulheres compartilham o sentimento de medo e de sacrifício, assim como a consciência desse silenciamento imposto ao longo dos séculos. Consequentemente, há um forte embate entre a opressão e a luta por liberdade, tanto na vida cotidiana quanto nas produções artísticas em geral. Essa luta não é individual e nem restrita a um grupo, pois corresponde a uma busca coletiva com o reconhecimento das diferenças. Positivamente, a consequência desse aspecto é o desenvolvimento de um senso de comunidade que abrange a vivência e a produção das autoras pesquisadas, as quais compartilham a presença de mulheres em suas histórias que serviram como fonte de inspiração para a construção de suas trajetórias e de seus poemas. Neles, como mensagens de encorajamento, é colocada a necessidade de caminhar e estar junto a outras mulheres como uma forma de ampliar forças e de compreender que a resistência e a luta são caminhos que levam à cura.

Aqui, chama-se a atenção para o fato de que a escrita, a luta e a cura são três pontos que caminham de modo interligado nas palavras e nas ações de Kaur e Leão: a escrita é colocada como arma de combate cuja intenção é a de co-construir processos de superação e cura. A poeta brasileira, em mais de uma poesia presente em sua obra, especifica o seu desejo de falar das mulheres e para as mulheres para que suas palavras acompanhem as tantas lutas vividas por esse grupo. Em seus próprios dizeres, “Eu nunca escrevi só para mim, sempre escrevi de maneira coletiva. Acredito que a escrita feita por mulheres é muito coletiva” (LEÃO, 2017c, recurso online). Constrói-se, assim, uma linha textual que se propõe a falar do e para o coletivo, sempre a partir de uma escrita que é também coletiva. É nesse sentido que ela comenta ter pensado seu primeiro livro, “(...) *Tudo nela brilha e queima*, como uma ferramenta de amor próprio, de recomeço, de cura. Um gatilho para que as mulheres vejam que não estão sós e que podem mais” (LEÃO, 2018b, recurso online).

Nota-se, então, que existem dois lados dessa cura mencionada: um primeiro, em que a escrita é visualizada, pelas poetisas, como um modo de se vivenciar esse processo, e um segundo, quando os próprios poemas são elementos que inspiram e buscam despertar essa prática. Em relação a esse segundo ponto, como o viés da coletividade é elemento-chave dessas poéticas, as ferramentas que as escritoras utilizam ao escrever são também pensadas para serem encontradas por quem as lê. É o que Sasha Kruger (2017, recurso online, tradução nossa) aponta sobre Kaur: ao compartilhar esses poemas, evidencia-se que “a cura através da narrativa é necessariamente sempre coletiva”<sup>8</sup> – do mesmo modo que a escrita o é. Nesse sentido, esse processo se mostra como parte integrante da vivência das mulheres e, também, da remodelação que agora fazem dos papéis que ocupam.

Ainda sobre a escrita promover um processo de cura para quem escreve, Leão aborda a necessidade do autoconhecimento da mulher para que, desse modo, o ato de se colocar no

---

<sup>8</sup> Original: “healing through narrative is always necessarily collective”.

mundo seja facilitado. Assim, conseguirão sobrepor todas aquelas direções fornecidas exclusivamente por homens ao longo da história, responsáveis por falsas crenças e visões:

A gente cresce achando que nossas narrativas não são importantes. E são. Precisamos continuar a pesar no mundo. Se entenda primeiro. Saiba sua verdade, se você está pronta para encará-la, se está pronta para ser reflexo de outras pessoas. Escrita é processo de encontro, de cura. Você não precisa se encontrar perfeitamente para começar, não acho que tem linha de chegada nesse processo, estamos em constante transformação. Prossiga sabendo quem você é. Mais importante do que entender o mundo é saber quem a gente é. (LEÃO, 2019, recurso online).

Diante desse cenário e dessas questões elencadas, encontra-se uma escrita de Kaur e Leão que almeja a identificação, para que, assim, mais mulheres entendam que saber e falar sobre suas histórias é importante e necessário, mesmo que não tenham sido encorajadas a fazê-lo. Relembrando Walker (1994, recurso online), “(...) devemos destemidamente sair de nós mesmas e observar e identificar com nossas vidas a criatividade da vida que a algumas de nossas bisavós não era permitido conhecer”. Nesse ponto, Leão aborda exatamente o duplo poder da poesia no que diz respeito à cura:

Figura 1 – Poema de Ryane Leão

prólogo

maya angelou  
dizia afiar o lápis  
em suas cicatrizes  
antes de escrever

é assim mesmo  
a poesia estanca a minha ferida  
e a de quem lê

Fonte: Leão (2017a, p. 156).

Para convocar Maya Angelou, escritora afro-americana e ativista influente de direitos civis, Leão retoma uma fala extremamente forte da estadunidense: “Quando pego a caneta para escrever, tenho que raspá-la pelas cicatrizes para afiar a ponta”<sup>9</sup> (A PORTRAIT..., 1982, tradução nossa), proferida em uma entrevista. Marguerite Annie Johnson, verdadeiro nome de Angelou, produziu obras em defesa da cultura negra, tratando de temas como racismo e identidade. Estuprada na infância pelo namorado de sua mãe, permaneceu cinco anos muda por

---

<sup>9</sup> Original: “When I pick up the pen to write, I have to scrape it across those scars to sharpen the point”.

acreditar que sua voz havia matado o homem que a violentou, assassinado depois de ter sido culpado, cumprido apenas um dia de prisão e libertado (LÓPEZ, 2018). Entre traumas de sua vida, a imagem de afiar o lápis da escrita em cicatrizes antes de escrever ganha um simbolismo gigante: é colocar a fonte das palavras em contato com uma mistura entre dor e raiva. Aqui, destaca-se o caráter visual dessa poesia, que, apesar de não estar acompanhada por uma ilustração, ainda consegue evocar esse lado imagético de modo muito intenso.

Ainda no poema, Leão aponta que é desse modo, com base nesse afiar de lápis de Angelou, que “a poesia estanca a minha ferida/ e a de quem lê” – versos que elucidam o duplo caminhar da cura. Essa construção também direciona para a relação entre os tópicos que concernem a este trabalho: para além da escrita e da cura, é ressaltada a presença da luta. Essas cicatrizes, na intertextualidade com Angelou, somadas à ferida do sujeito do poema, levam à visualização dos embates travados por essas mulheres. Apesar de ser um processo doloroso, é o caminho a ser seguido para promover esses outros modos de ver, imaginar e descrever a si mesmas sem estarem aprisionadas às limitantes lentes anteriormente empregadas. Seguindo esse mesmo trajeto, ao ser questionada sobre de onde tira suas inspirações, além de falar sobre momentos, histórias e experiências das pessoas, Kaur também destaca “A maneira como as pessoas se machucam. E o quanto eu desejo que elas se curem”<sup>10</sup> (KAUR, 2017b, recurso online, tradução nossa), o que pode ser encontrado no poema abaixo:

### Figura 2 – Poema de Rupi Kaur

você olha para mim e chora  
*tudo dói*

eu te abraço e sussurro  
*mas tudo pode curar*



Fonte: Kaur (2017a, p. 189).

<sup>10</sup> Original: “The way people hurt. And how badly I want them to heal”.

Essa construção impulsiona, em um primeiro momento, a refletir sobre essa dor. Para além de cicatrizes antigas e talvez até mesmo provenientes da vivência de outras mulheres, compartilhadas quando se pensa o coletivo, tal sofrimento tem origem nas lutas ainda travadas na atualidade. Pensando nessa temática, torna-se interessante compreender que esses embates se dão em duas instâncias: no pessoal, a partir do conflito consigo mesma para se aceitar por completo e se amar, e no coletivo, no sentido de almejar e chegar a uma verdadeira mudança na sociedade. São, portanto, lutas que se interconectam e que acabam sendo fontes dessa dor. Sobre o viés individual dessa luta, Kaur (2017b) comenta ter crescido sempre batalhando consigo mesma mesmo enquanto metade de si tinha orgulho de ser quem era, pois a outra metade odiava ser mulher, considerando todas as dificuldades desse grupo. Leão (2017a, p. 92), por sua vez, escreveu um poema em que afirma “eu que sou luta/ tenho também batalhas comigo mesma/ atrás do melhor de mim”, mostrando que essa luta interna pode ser também uma busca por transformações. Retomando a produção analisada, tem-se a imagem de dois indivíduos próximos com olhares de tristeza, com o que aparenta estar sentado mostrando até mesmo um teor de desespero e tensão, mas um tocar de mãos no ombro traz a ideia do acalento, da possibilidade de melhora – exatamente como o centro do poema que se faz no fato de que a cura é algo certo: Kaur destaca que, nesse embate entre luta e dor, tudo pode curar.

Esse caminho interligado entre luta e cura destaca fragilidades da mulher que precisam ser levadas em consideração. Para além da figura que estabelece seus embates para conquistar seu lugar, as mulheres precisam abarcar suas fraquezas e entender que essas fazem parte de sua identidade. É sobre isso que Leão comenta ao tratar do título de sua primeira obra:

Tem gente que só quer ver a parte boa da vida, o brilho, e outros só sentem a ardência, o lado ruim. Por que não sentir os dois? Podemos arder de amor ou dor. E falar sobre amor-próprio nem sempre significa encontrar esse sentimento. Geralmente dizem isso sobre as escritoras feministas. As pessoas romantizam demais, acham que a gente nunca cai. Existe o mito da mulher negra forte, que não fraqueja. Mas podemos e devemos cair para emergir. (LEÃO, 2017b, recurso online).

Nesse ponto, é primordial ver tanto aquilo que brilha, quanto aquilo que queima, incluindo ambos, o bom e o ruim, como parte de si e de sua identidade. Reconhecer rupturas é, por conseguinte, uma maneira de possibilitar que essas sejam vistas com um olhar de compaixão e de amor, destinando amor e aceitação para cada parte de si – como Leão (2017a, p. 117) aborda em outro poema: “(...) não quero me suportar/quero me apaixonar/pelos meus pedaços”. Desse modo, ressalta-se ser necessário olhar para as cicatrizes das tantas lutas e abrir espaço para romper com o que esperam desse grupo. Essa é a maneira de estabelecer novos e mais autênticos parâmetros.

Figura 3 – Poema de Ryane Leão

você diz que é lindo me ver lutar  
que eu sou uma mulher fantástica  
porém não nota meus olhos exaustos  
meu corpo curvado  
não tenho comido direito há dias  
estou por um fio  
e como eu preciso de colo  
e que você se recorde  
que guerreiras também sangram

Fonte: Leão (2017a, p. 133).

Nesse poema, é possível enxergar uma mesma situação a partir de duas óticas distintas: de um lado, a mulher fantástica, cuja luta é linda de se ver; de outro, os olhos exaustos e o corpo igualmente exausto de tanto lutar, em uma construção imagética extremamente forte. A primeira visão é proveniente de um alguém de fora que se coloca a olhar para esse sujeito, enquanto a segunda traz a realidade que a própria mulher apresenta, com um olhar que se direciona àquilo que arde, em conexão ao que foi colocado de Leão (2017b). Ainda, essa mulher constata: precisa que o outro se recorde de que “guerreiras também sangram”, em oposição à ideia de uma força inabalável. Nesse ponto, outra produção de Leão, apresentada ao lado de uma imagem extremamente potente, se faz válida:

Figuras 4 e 5 – Poema de Ryane Leão

não confunda desabar com desistir  
  
te vejo distraíndo tuas dores  
e o que te falta de verdade  
é deitar no chão de casa  
e sentir e chorar e apertar os olhos  
  
se esvazie de suas agonias  
para que novos rios  
corram dentro de você.



Fonte: LEÃO (2017a, p. 158-159).

Tendo sido apresentadas juntas para passar a experiência do leitor ao ter o livro em mãos, as figuras acima destacam um poema em que uma imagem o acompanha em relação de suplemento. Nele, a poeta destaca a necessidade de olhar para as dores e de senti-las para que “(...) novos rios/corram dentro de você”. Esses novos rios, metaforicamente relacionados à libertação e à cura, podem ser imaginados ao se observar o corpo da mulher ilustrada que, ao mesmo tempo em que chora (se esvaziando de sua agonia, nas palavras presentes no poema), tem uma flor dentro de si. Os dois lados desse processo apontam para as possibilidades de reconstrução e de redefinição que essas mulheres desempenham enquanto lutam, voltando a destacar como incluir os “desabamentos”, que nada se assemelham a desistir, é parte imprescindível.

Ainda, é interessante recorrer a poemas presentes em *Outros jeitos de usar a boca* (2017a) que abordam a transformação que o processo de cura promove, seja a partir dos sujeitos ou neles. Nesse aspecto, a poeta destaca como a dor pode ser – e é – transmutada nessas novas correntezas, nas palavras de Leão, e, a seguir, em algo puro:

Figura 6 – Poema de Rupi Kaur



- não há nada mais puro

Fonte: Kaur (2017a, p. 193).

Não apenas é visualizado um processo que produz novos e singelos elementos, mas um caminho que leva à fabricação de ouro, material brilhante e valioso. Indo além desses poemas que falem sobre a cura, em si, de modo direto e sobre o fato de não devermos buscá-la aos pés daqueles que nos feriram, também é possível encontrar em Kaur uma sequência de escritos que tocam no encorajamento e no fortalecimento. Em meio a uma série de imperativos, é apresentada uma atmosfera em que a cura se torna sinônimo de florescer.

Figura 7 – Poema de Rupi Kaur

fique firme enquanto dói  
faça flores com a dor  
você me ajudou  
a fazer flores com a minha  
então floresça de um jeito lindo  
perigoso  
escandaloso  
floresça suave  
do jeito que você preferir  
apenas floresça

*- para quem me lê*

Fonte: Kaur (2017a, p. 166).

Falando com seu leitor, a poeta o aconselha a ficar firme, a fazer flores com a dor e, assim, a florescer – verbos utilizados no imperativo, em uma mescla de pedido e orientação. Ao observar o verso “você me ajudou/ a fazer flores com a minha [dor]”, nota-se a presença de um viés coletivo que é promovido não apenas quando essa é a temática abordada, como também em toda essa escrita. Falando nela, esse poema também nos mostra a relação da escrita não só com a presença de outras mulheres, nesse aspecto coletivo, como também com sua característica de ser um caminho para a cura. É diante dessa ideia que é apresentado o último poema para análise:

Figura 8 – Poema de Ryane Leão

se enganam os que não sabem  
que a literatura também é uma arma

a mais carregada  
a mais poderosa  
tanto que os livros que um dia foram incendiados  
ficaram

Fonte: Leão (2017a, p. 100).

Esse aspecto da Literatura como um ato de denúncia e de combate se faz presente agora na produção da figura 8, com a mancha gráfica do poema em forma de arma na segunda estrofe, na qual o terceiro verso é o cano e o quarto, o gatilho. Esse campo é colocado não só como uma arma, com a indefinição do artigo “uma”, mas como “a mais carregada/ a mais poderosa”, determinando-a superlativamente como a que se sobressai. Pensando sobre as questões relacionadas às mulheres que vêm sendo exploradas nesta pesquisa, consegue-se compreender como os escritos de poetisas como Kaur e Leão, que se dedicam a tratar de assuntos tão importantes ao universo desse grupo, colaboram para a busca de novas e autênticas formas de representação. Considerando a articulação entre escrita, luta e cura, é visualizado um percurso que se direciona, pelo olhar para si, para as outras e para as marcas que se fazem presentes, para o entendimento, a superação e a construção das identidades femininas.

## Conclusão

Com base em tudo que foi elencado ao longo deste estudo, é possível notar que os trabalhos poéticos de Kaur e Leão, poetisas que entendem seus escritos e suas vivências como detentores de causa e função sociais, aparecem como centrais para questões que dizem respeito à luta feminista. Ao buscarem novas e autênticas formas de representação, essas artistas recorrem a figuras femininas que se veem diante da possibilidade de se curarem mesmo enquanto resistem e lutam. Assim, com poemas que estabelecem constantes e fortes conexões com tantas mulheres, as escritoras se dedicam a construções que aliam a seus versos tanto (diversas) rupturas e lutas, quanto o processo de cura e de empoderamento da mulher.

Nessa perspectiva, ainda que diante de uma coletividade que fortalece e caminha junto, esse trajeto é também responsável por promover um olhar para si, em um processo que se encaminha para (re)descobrir a individualidade desse sujeito que por tanto foi colocado à margem de si e do mundo. A escrita dessas poetisas, portanto, ao colocar o feminismo como meio e fim, elabora construções com o desejo de que suas palavras sejam aquelas que irão atingir as mulheres, encorajando-as a também se enxergar e falar sobre suas histórias. É nesse caminho entre o indivíduo e o coletivo que os poemas são produzidos.

Desse modo, ao retratarem esse processo contínuo de cura, focando no desenrolar mais até do que no próprio resultado final, Kaur e Leão colaboram para a construção de um espaço em que a mulher não apenas se escuta, mas busca ouvir e amplificar as vozes de outras. Tem-se, então, a intensificação de diálogos e a possibilidade, cada vez mais intensa e instigante, de tomada de consciência e união, resultando em uma reelaboração de visões, representações e delimitações antes feitas por terceiros que apenas silenciavam e oprimiam. Assim, o que se pode observar é que *Outros jeitos de usar a boca* (2017a) e *Tudo nela brilha e queima* (2017a), nesse caminho entre poemas de luta e de amor, estabelecem uma trajetória que colabora para a

transformação de corpos-objetos em corpos-sujeitos que se curam e passam a se colocar no mundo, desejando que mulheres sejam as personagens principais de suas próprias histórias.

## Referências

- CARSON, Anne. O gênero do som. *Serrote*, São Paulo, n. 34, p. 114-136, 2020.
- D'ANGELO, Helô. Fenômeno de vendas, Rupi Kaur faz do trauma a matéria prima de sua poesia. *Revista Cult*, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/rupi-kaur-faz-do-trauma-a-materia-prima-para-sua-poesia/>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- KAUR, Rupi. *Outros jeitos de usar a boca*. Tradução Ana Guadalupe. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2017a.
- KAUR, Rupi. Rupi Kaur: the poet every woman needs to read. [Entrevista cedida a] Erin Spencer. *Huffpost*, 2017b. Disponível em: <[https://www.huffpost.com/entry/the-poet-every-woman-needs-to-read\\_b\\_6193740](https://www.huffpost.com/entry/the-poet-every-woman-needs-to-read_b_6193740)>. Acesso em: 25 maio 2020.
- KAUR, Rupi. 'Now it's the coolest thin': rise of Rupi Kaur helps boost poetry sales. [Entrevista cedida a] Rob Walker. *The Guardian*, 2017c. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/oct/07/now-its-the-coolest-thing-rise-of-rupi-kaur-helps-boost-poetry-sales>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- KAUR, Rupi. History shows Punjab has always taken on tyrants. Modi is no different. *Washington Post*, 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2020/12/16/rupi-kaur-modi-punjab-india-farmer-protests/>>. Acesso em: 6 nov. 2021.
- KRUGER, Sasha. The technopo(e)litics of Rupi Kaur: (de)colonial aesthetics and spatial narrations in the DigiFemme age. *Ada: A Journal of Gender, New Media and Technology*, 2017. Disponível em: <<https://adanewmedia.org/2017/05/issue11-kruger/>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- LEÃO, Ryane. *Tudo nela brilha e queima*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017a.
- LEÃO, Ryane. Ryane Leão lança livro com poemas sobre militância negra. [Entrevista cedida a] Anna Laura Moura. *Revista Claudia*, 2017b. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/ryane-leao-lanca-livro-poemas/>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- LEÃO, Ryane. "Tudo nela brilha e queima" é um livro que você precisa conhecer. [Entrevista cedida a] Júlia Warken. *M de Mulher*, 2017c. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/tudo-nela-brilha-e-queima-e-um-livro-que-voce-precisa-conhecer/>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- LEÃO, Ryane. "Não tinha coragem de chamar mulher de agressora", diz poeta best-seller. [Entrevista cedida a] Renata Nogueira. *UOL*, 2018a. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/08/10/poeta-ryane-leao-alerta-sobre-relacionamentos-abusivos-entre-mulheres.htm>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- LEÃO, Ryane. Fenômeno literário, Ryane Leão leva suas poesias autobiográficas à FLIP. [Entrevista cedida a] Adriana Ferreira Silva. *Revista Marie Claire*, 2018b. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/De-repente-perennial/noticia/2018/07/fenomeno-literario-ryane-leao-leva-suas-poesias-autobiograficas-flip.html>>. Acesso em: 25 maio 2020.

- LEÃO, Ryane. Tudo nela jorra e encanta: a poesia de Ryane Leão. [Entrevista cedida a] Daniela Arrais. *Revista TRIP Uol*, 2019. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/preta-e-lesbica-a-poeta-best-seller-ryane-leao-fala-sobre-seu-novo-livro>>. Acesso em: 5 abr. 2020.
- LÓPEZ, Alberto. Maya Angelou, uma vida completa. *El país*, 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/04/cultura/1522818455\\_771877.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/04/cultura/1522818455_771877.html)>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- MILLER, Alyson. *Poetry's Beyoncé: On Rupi Kaur and the commodifying effects of Instapoetics*. Axon, 2019.
- MCLEOD, William Hewat. Sikhism – religion. *Britannica*, 1998. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Sikhism>>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- A PORTRAIT of Maya Angelou. *Moyers*, 1982. Disponível em: <<https://billmoyers.com/content/maya-angelou/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura*. São Paulo: Ática, 1993.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Aesthetic education in the era of globalization*. Cambridge: Harvard University, 2012.
- TUDO nela brilha e queima, a força da poesia de Ryane Leão. *Medium*, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/guiamariafirmina/tudo-nela-brilha-e-queima-a-força-da-poesia-de-ryane-leão-60b9d2856555>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- WALKER, Alice. *Em busca dos jardins de nossas mães*. Tradução de Letícia Cobra Lima. In: MITCHELL, Angelyn (ed.). *Within the circle: an anthology of African American literary criticism from the Harlem Renaissance to the present*. Durham, London: Duke University, 1994. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/5v0c1e>>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. In: \_\_\_\_\_. *Recursos da esperança*. São Paulo: Unesp, 2015. p. 3-28.
- ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.
- ZOLIN, Lúcia Osana. *Literatura de autoria feminina brasileira contemporânea: escolhas inclusivas?* In: ENCONTRO DE LITERATURA DE AUTORIA FEMININA, 1., 2019, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.